



Entrevista:

FILOSOFIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO POR THOMAS KESSELRING

Rejane Schaefer Kalsing¹ entrevista Thomas Kesselring

Entrevista realizada via e-mail por Rejane Schaefer Kalsing com o Professor Thomas Kesselring, Doutor em Filosofia Universität Heidelberg/Alemanha (1979) e Livre Docente pela Freie Universität Berlin/Alemanha (1987).

É professor na Paedagogische Hochschule Bern e Privatdozent na Universitaet Bern. Pesquisa na área da filosofia, da epistemologia, da psicologia genética, da ecologia, da ética contemporânea e da história da ética, além de investigar as questões relativas às relações internacionais, em especial as relações norte-sul. Publicou, entre outros: *Entwicklung und Widerspruch* (1981); *Die Produktivitaet der Antinomie* (1984); *Jean Piaget* (1988 e 1999, Beck & 1992, Vozes); *Ethik der Entwicklungspolitik: Gerechtigkeit im Zeitalter der Globalisierung* (2003, Beck & 2007, Ed. UCS). Recentemente esteve proferindo palestra na Universidade de Passo Fundo/UPF, como convidado do ***IV Seminário Internacional sobre Filosofia e Educação: racionalidade, reconhecimento e experiência formativa.***

Segue a entrevista:

Rejane Schaefer Kalsing

O senhor poderia se apresentar para os leitores da Revista Poiésis e nos dizer por que escolheu estudar filosofia e, mais especificamente, filosofia da educação, entre outros temas?

Thomas Kesselring:

A decisão de estudar filosofia ocorreu há décadas. Ela resultou do fato de que não senti inclinação particular para disciplinas “empíricas”; tinha o interesse de questionar tudo e de descobrir diferentes relações entre as várias disciplinas. Penso que hoje a inter- ou transdisciplinaridade é particularmente importante, sendo que o mundo de hoje, na era da

¹ Doutora em Filosofia (UFSC), professora de Filosofia do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Catarinense, Campus Sombrio – IFC-Sombrio. Endereço eletrônico: rejane.kalsing@yahoo.com.br.



“globalização” na qual o ritmo da história se acelerou bastante, é mais complexo de que o mundo no qual viviam as gerações anteriores. No entanto, a maioria das universidades me parecem não valorizar suficientemente a interdisciplinariedade. Muitos professores associam a idéia da ciência com disciplinas distintas e com seus métodos específicos e temem que procedimentos interdisciplinares percam o rigor científico, sendo que no trabalho interdisciplinar encontram-se uma pluralidade de métodos. Se podem escolher entre pesquisa sobre questões pouco relevantes, mas abertas a métodos científicos rigorosos e pesquisa sobre problemas chaves da sociedade moderna, cuja solução não se abre a um método científico bem delimitado, como *combate à miséria, combate à pobreza, convivência dos seres humanos com crenças distintas (cristianismo/islamismo/animismo/agnosticismo etc.)*, *limitação do aquecimento climático, limitação e regulação das migrações intercontinentais...*, então a maioria de cientistas preferem ficar com o primeiro tipo de pesquisa. Eles preferem uma pesquisa de temas pouco relevantes, mas metodologicamente impecável a uma pesquisa de temas com alta importância social mas que fogem de soluções metodologicamente “limpas”.

Voltando à sua questão do porquê me interessa a filosofia: Um motivo essencial é que a filosofia não é uma ciência no sentido tradicional desta palavra; ela é uma reflexão um tanto metodológica, mas também tanto aberta, sobre as ciências e os seus fundamentos, sua visão do mundo e a sua função na sociedade. – A educação tem a ver com crianças e adolescentes e também com adultos. Pela educação a geração dos jovens é preparada para ser inserida no mundo dos adultos. Mencionei uma série de problemas pelos quais nós estamos desafiados hoje. A próxima geração herda de nós todos os problemas que a nossa geração não consegue resolver – e parece que são muitos! Por isso, a filosofia tem que aliar-se com a educação.

Rejane Schaefer Kalsing

Quais são seus principais interesses, dentro e fora da filosofia?

Thomas Kesselring:

Cada casa, cada corpo material tem três dimensões. Meus interesses também têm três dimensões. A primeira é *epistemológica* e tem a ver com questões como: De que maneira o ser humano percebe e chega a conhecer o mundo? As nossas teorias sobre o universo, a

natureza, o mundo social etc. são verdadeiras? Sendo que para responder a esta questão é preciso ter critérios de verdade, quais são estes critérios? A segunda é *ética* e tem a ver com questões como: O que é justo e injusto? O que é legítimo e ilegítimo? Como podemos conviver em paz? O que significa respeito, e como os membros de uma sociedade chegam a respeitar-se mutuamente? O que é tolerância, e quais são os seus limites (ou deve a tolerância ser ilimitada)? A terceira dimensão tem a ver com os desafios particulares da nossa época: *crise ecológica, mudança do clima, diminuição da biodiversidade, crescimento da população mundial, repartição altamente desigual da riqueza das nações, repartição desigual do acesso aos recursos, escassez crescente de recursos que há pouco tempo não eram escassos, como água, área agrícola, e – simultaneamente – a demanda crescente de tais recursos raros, etc.; migração*. Estou convicto de que para enfrentar os problemas da época atual precisamos não apenas de especialistas bem treinados em suas áreas, como também de um pensamento que abranja todas essas três dimensões – mesmo se ao pensamento mais abrangente falta, e falta por definição, aquele tipo de especialização que se costuma cobrar do pensamento científico.

Rejane Schaefer Kalsing

O senhor publicou recentemente a obra *Ethik der Entwicklungspolitik: Gerechtigkeit im Zeitalter der Globalisierung* (publicado no Brasil como *Ética, Política e desenvolvimento Humano: a justiça na era da globalização*. Tradução de Benno Dischinger, Caxias do Sul: Educs, 2007). O que o senhor quer dizer com esse título? Quais são as principais ideias abordadas nesta obra?

Thomas Kesselring:

Todos os seres humanos sabem de forma intuitiva o que é *justiça*. Ou melhor: Todos são sensíveis perante atos injustos ou medidas políticas injustas. Com a chamada “globalização”, ou seja, o amalgamento crescente dos mercados regionais num só super-mercado global, as questões da justiça se agravaram profundamente. Na era do “neo-liberalismo” econômico, o abismo entre ricos e pobres aumentou de forma assustadora. – Além da questão de como podemos voltar a uma ordem internacional mais justa (ou menos injusta) é preciso colocar outra pergunta: Que “desenvolvimento” queremos hoje? No lugar da ideia de um puro desenvolvimento econômico fala-se cada vez mais em “desenvolvimento humano” – um

desenvolvimento que leva a um melhoramento da qualidade de vida, o que não necessariamente implica crescimento econômico – e “desenvolvimento sustentável”: um desenvolvimento que não comprometa as condições de uma vida qualitativamente boa para futuras gerações.

Rejane Schaefer Kalsing

Qual é o seu trabalho mais recente sobre filosofia? Poderia nos falar um pouco a respeito dele?

Thomas Kesselring:

Há dois anos publiquei um livro cujo título, traduzido para o português, é: “Manual de ética para pedagogos”. Sobre o motivo de um tal livro já falei antes. Neste ano estive trabalhando em duas áreas bem distintas: Por um lado, escrevi um ensaio no qual discuto como o crescimento econômico pode ser legitimado diante do fato que os limites do crescimento parecem estar se aproximando. Queremos e devemos combater a miséria e melhorar a qualidade da vida daqueles que vivem na pobreza absoluta; isso implica que a demanda de recursos materiais e o uso de energia não vai diminuir. Mas o crescimento econômico tem seus limites. Como, então, lidamos com este dilema? – Por outro lado trabalhei sobre o desenvolvimento das emoções e da empatia em crianças. Este tema me parece importante no contexto da educação no âmbito ético.

Rejane Schaefer Kalsing

Como o Senhor vê a educação no mundo atual, quer dizer, na era da globalização? Quais as perspectivas que o senhor vê para a educação?

Thomas Kesselring:

Como falei antes, a educação desempenha, ou melhor, deveria desempenhar um papel chave no mundo globalizado. Ela deveria preparar os jovens de hoje para o mundo de amanhã, um mundo cada vez mais complexo. Eu digo “deveria”, pois não sei em que medida a educação institucionalizada de fato desempenha o papel necessário. Na Suíça, onde estou trabalhando na formação de professores, observo que os desafios do futuro próximo não influem muito o currículo da formação. A única exceção é o tema da *multiculturalidade*.

Como na França e na Alemanha, na Suíça também temos algumas escolas em subúrbios, cujos alunos na maioria provêm de famílias imigradas. Eles não falam a língua local ou a aprenderam como segunda ou terceira língua. Numa das escolas com a qual coopero, 90% dos alunos não falam o alemão (= língua local), mas sim mais de quarenta línguas maternas diferentes – português, espanhol, chinês, árabe, suahili, tamil, urdu etc. etc. Nós estamos tentando preparar os nossos estudantes para o trabalho em tais escolas multiculturais e multilíngues ou multilinguistas. – No entanto, a preparação dos nossos estudantes para o ensino na área do desenvolvimento sustentável foi tirado do nosso currículo acadêmico. Atualmente estamos reformulando este currículo, a terceira vez em 15 anos. Mas o resultado de tais reformas me parece aleatório. Nele se espelham as opiniões políticas predominantes da nossa sociedade (muito marcadas por um partido de direita, que está crescendo rapidamente, islamóforo e que nega a mudança climática) e não os desafios das décadas vindouras. No entanto, este problema não parece limitar-se à Suíça. Na Europa toda a educação institucionalizada passa de reforma em reforma, sem preparar para enfrentar os desafios mais urgentes da nossa época. Sem dúvida, boa parte da educação ocorre fora das escolas, nas famílias, no intercâmbio entre os adolescentes (peer group), no Facebook e Orkut e na televisão. O papel das mídias, de fato, não deve ser subestimado. Penso que a influência das telenovelas na mentalidade do povo é de longe maior de que aquela da educação formal. Em vez de apenas falar em reformar as escolas seria preciso reformar profundamente os programas da televisão (particularmente no Brasil). Quanto à educação formal no Brasil, estou preocupado com três coisas: acho excelente que o governo Lula conseguiu baixar visivelmente a pobreza mediante a “bolsa família”. Mas estou preocupado com o nível muito baixo do ensino escolar neste país. Segundo: estou preocupado com o fato de que no Brasil há mais de cento e oito (108) universidades com pós-graduação em educação, e mesmo assim não se vê um grande efeito disso na qualidade do ensino escolar. Terceiro: mais da metade das crianças no Brasil estão vivendo em grandes cidades e não têm muitas oportunidades de sair da cidade para conhecer o patrimônio natural deste país tão rico, com sua biodiversidade inédita, sua imensa floresta tropical e alguns restos da mata atlântica. Se a educação fracassa em estabelecer nas crianças e nos adolescentes um relacionamento emocional com as maravilhas da natureza no Brasil, ninguém deve admirar-se se os adultos de amanhã continuam “limpando”, destruindo e abalando estas maravilhas.

Rejane Schaefer Kalsing

Em maio último, no *IV Seminário Internacional sobre Filosofia e Educação: racionalidade, reconhecimento e experiência formativa*, realizado na UPF, em Passo Fundo/RS, o senhor fez uma conferência sobre o tema “*Ética, reconhecimento e educação*”. Que relação o senhor vê entre esse três conceitos?

Thomas Kesselring:

Não fui eu quem formulou o título desta conferência. Não é o único caso no qual ocorreu isso – recebi vários pedidos (ou “ditados”?) de palestrar sobre tal e tal tema. Então, você deveria perguntar aos organizadores o que eles esperavam da minha contribuição sob o título que a Senhora citou. Quanto a mim, tentei relacionar os conceitos de reconhecimento e educação por um lado, e de reconhecimento e ética por outro lado: quanto mais o aluno se sente reconhecido naquilo que ele é e sabe fazer, tanto maior é a sua motivação de desenvolver-se e tornar-se uma pessoa que sabe exercer responsabilidade. Reconhecimento, ou melhor: reconhecimento mútuo entre os membros de uma sociedade é a base de toda ética. Sob esta perspectiva, sem uma base ética não há educação no sentido estrito. Mas o inverso também é válido: Sem educação no sentido estrito uma pessoa dificilmente comporta-se segundo critérios éticos.

Obrigada por esta entrevista.

Os leitores da *Revista Poiésis* agradecem sua disponibilidade.